

# 5. Análise traceológica de artefactos líticos de Toledo: contributo à resolução de questões tipo-tecnológicas

■ MARINA DE ARAÚJO IGREJA

## 5.1. Introdução

---

A abordagem da função dos artefactos líticos limitou-se, até ao desenvolvimento da traceologia, à associação da forma dos objectos retocados a funções específicas, através da comparação com os utensílios modernos, estabelecendo-se assim categorias de utensílios como a raspadeira, o perfurador, o buril. Apesar de este tipo de leitura ter permitido uma descrição sistematizada dos objectos e dos respectivos processos técnicos de fabricação, a insuficiência desta associação, assente na simples pressuposição, acabou por ser demonstrada pela traceologia sob diversas formas e em diversos contextos.

Desenvolvida pelo russo S. A. Semenov nos anos 60 e dada a conhecer ao resto da Europa em 1973, a Traceologia procura interpretar, de forma directa, a função e as modalidades de utilização dos utensílios arqueológicos, através da leitura dos vestígios de uso macro e microscópicos ainda conservados nas suas superfícies. Esta disciplina apoia-se, igualmente, na reprodução e utilização experimental de artefactos em pedra, que serão posteriormente comparados com os materiais arqueológicos.

Os vestígios de utilização conservados no objecto testemunham a natureza do material trabalhado— inclusive os materiais orgânicos não conservados no registo arqueológico— a intensidade da utilização do artefacto, o tipo de gesto efectuado e, ainda em alguns casos, o próprio modo de apreensão do utensílio (directamente com a mão ou através de encabamento).

Nos anos 70, sob o impulso da Nova Arqueologia (Binford, 1979; Perlès, 1992) e a emergência de novas técnicas de análise da cultura material, como a tecnologia, a traceologia lítica, que inicialmente se debruçava apenas sobre os objectos retocados, passa a incidir em todos os tipos de artefactos líticos, incluindo os suportes não retocados, e a abraçar uma componente paleoetnológica e económica na reconstituição das actividades que tiveram lugar no Passado. O buril é um exemplo bem representativo da complexidade inerente a um artefacto lítico. Os estudos traceológicos efectuados sobre este tipo de peça revelaram que os vestígios de uso nem sempre são contemporâneos do próprio golpe do buril, documentando uma utilização anterior do suporte (Igreja, 2003; Igreja & Pesesse, 2007). Apesar de ter uma extremidade burinante, a traceologia demonstrou que esta não serve exclusivamente para o trabalho de materiais ósseos (para efectuar sulcos, por exemplo), podendo a peça ser utilizada de outras formas e recorrendo a outras zonas activas da peça. Outro exemplo é o das pontas de *La Gravette*, utensílios tradicionalmente associados à função de armaduras de projectil, mas que na realidade podem acumular uma outra função, como a de lâmina de faca, por exemplo (Igreja, 2005). A traceologia é, por isso, fundamental na determinação da função de um objecto, como o atestam estes breves exemplos mencionados.

No caso de Toledo, procurou-se determinar não só a funcionalidade específica de alguns artefactos líticos, mas, também e principalmente, dar resposta a algumas das questões levan-

tadas pelo estudo tecnológico sobre o estatuto desempenhado por determinados grupos de artefactos, como são os casos das raspadeiras espessas e das peças esquiroladas (no quadro da problemática núcleo vs. utensílio).

A análise incidiu sobre 144 artefactos confeccionados em diversas variedades de matérias-primas líticas representadas em Toledo (Tabela 5.1), tendo sido seleccionados suportes reto-cados (N=74, 47,9%) e não reto-cados (N=75, 52,1%). A amostra é representativa (em termos quantitativos e qualitativos) do universo lítico documentado na jazida (ver Capítulo 4) e visa responder a questões específicas de natureza tipo-tecno-funcional, numa estreita colaboração entre duas disciplinas: a Tecnologia lítica e a Traceologia.

TABELA 5.1

Inventário dos resultados obtidos.

										CINEMÁTICA DE TRABALHO E MATÉRIAS TRABALHADAS				
										TRANSV.	ROTATIVA	LONGIT.		INDET.
TIPOS	Matéria-Prima				Total	Estado de conservação		Vestígios de uso	Animal	Animal	Animal	Ind.	Duras	
	R.S.	Quartzo	Quartzito	Outras		Alteradas	Preservadas		Macias	Macias	Macias	Duras		
SUPORTES RETOCADOS	Raspadeira	19	–	–	–	19	9	10	4	4	–	–	–	–
	Esquirolada	14	1	–	–	15	7	8	3	1	1	–	–	1
	Lasca retocada	8	1	1	–	10	6	4	–	–	–	–	–	–
	Denticulado	8	1	–	–	9	5	4	1	1	–	–	–	–
	Entalhe	4	3	1	–	8	4	4	–	–	–	–	–	–
	Furador	5	–	1	–	6	2	4	2	–	2	–	–	–
	Buril	1	–	–	–	1	–	1	–	–	–	–	–	–
	Truncatura	1	–	–	–	1	–	1	1	1	–	–	–	–
OUTROS	Núcleo	2	1	1	–	4	2	2	–	–	–	–	–	–
	Seixo	–	–	–	1	1	–	1	–	–	–	–	–	–
SUPORTES NÃO RETOCADOS	Esquirola	25	4	1	3	33	15	18	1	1	–	–	–	–
	Lasca	12	3	11	1	27	7	20	4	2	–	1	1	–
	Lamela	8	–	–	–	8	6	2	–	–	–	–	–	–
	Lâmina	2	–	–	–	2	–	2	–	–	–	–	–	–
<b>TOTAL</b>	<b>109</b>	<b>14</b>	<b>16</b>	<b>5</b>	<b>144</b>	<b>63</b>	<b>81</b>	<b>16</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	

## 5.2. Resultados

### 5.2.1. Estado de conservação do material

Das 144 peças analisadas 56,2% (N=81) apresenta um excelente estado de preservação dos bordos e das superfícies (Fig. 5.1). Existem, contudo, peças com indícios claros de alteração pós-deposicional (N=63), entre as quais se conta um pequeno conjunto (N=16) que sofreu a acção de fenómenos químicos, visíveis nas respectivas patinas. Estas peças foram, de resto, consideradas impróprias para a análise microscópica (Fig. 5.2).

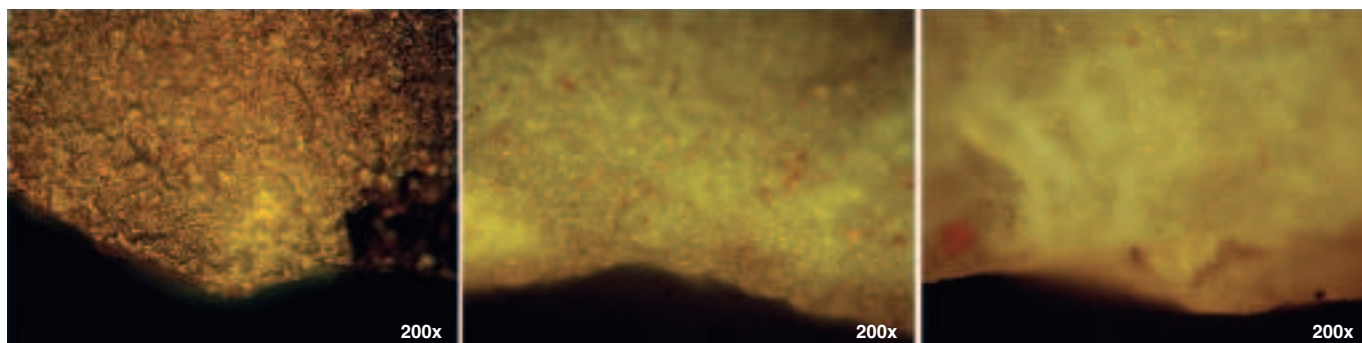


FIG. 5.1 - Exemplos de bordos e superfícies bem preservado.



FIG. 5.2 - Exemplos de bordos e superfícies modificados pela acção de fenómenos pós-deposicionais.

### 5.2.2. Vestígios de uso

Foram detectados vestígios de uso em 11% das peças analisados (N=16), observados quer em suportes retocados (N=11, 68,7%), quer em suportes não retocados (N=5, 31,2%) (ver Tabela 5.1). Os vestígios documentam, essencialmente, a ocorrência de actividades de processamento de recursos animais macios, como é o caso da pele (N=14), e de matérias duras (N=2), não tendo sido possível determinar a natureza exacta destes últimos.

Quatro raspadeiras, entre as quais uma espessa (Fig. 5.3: C), apresentam os bordos arredondados resultantes do contacto, em modo transversal, com matérias macias de origem animal, mais concretamente pele seca (Fig. 5.3: e). O facto de apenas uma de entre as dez raspadeiras espessas incluídas na amostra ter funcionado efectivamente como um utensílio não é suficiente para generalizar esta interpretação aos restantes exemplares documentados na jazida, nem tão pouco a ausência de traços de utilização nos exemplares analisados pressupõe a sua utilização enquanto núcleos.

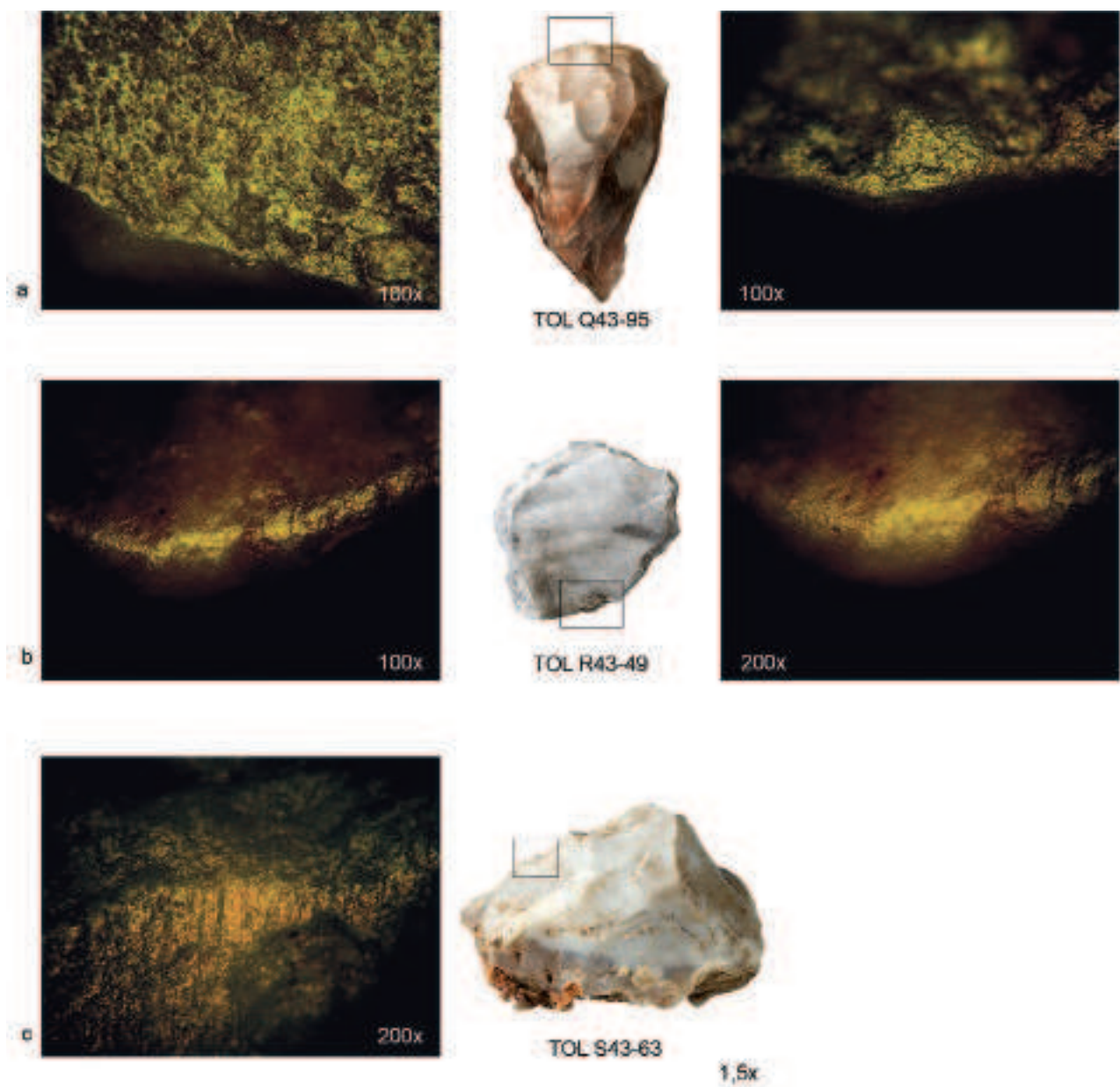


FIG. 5.3 – Raspadeiras: vestígios de uso relativos à raspagem de matérias macias de origem animal (200x). Fotos macro de José Paulo Ruas.

Foram igualmente detectados vestígios de uso em três peças esquiroladas. Uma documenta o contacto com materiais duros (Fig. 5.4: a), tendo funcionado como peça intermediária; a segunda apresenta vestígios de perfuração, em modo rotativo (Fig. 5.4: b) e a terceira de raspagem (Fig. 5.4: c), ambas no contacto de matérias macias de origem animal, funções não contemporâneas do esquirolamento dos bordos. Dois furadores apresentam a extremidade arredondada pela perfuração de matérias macias.

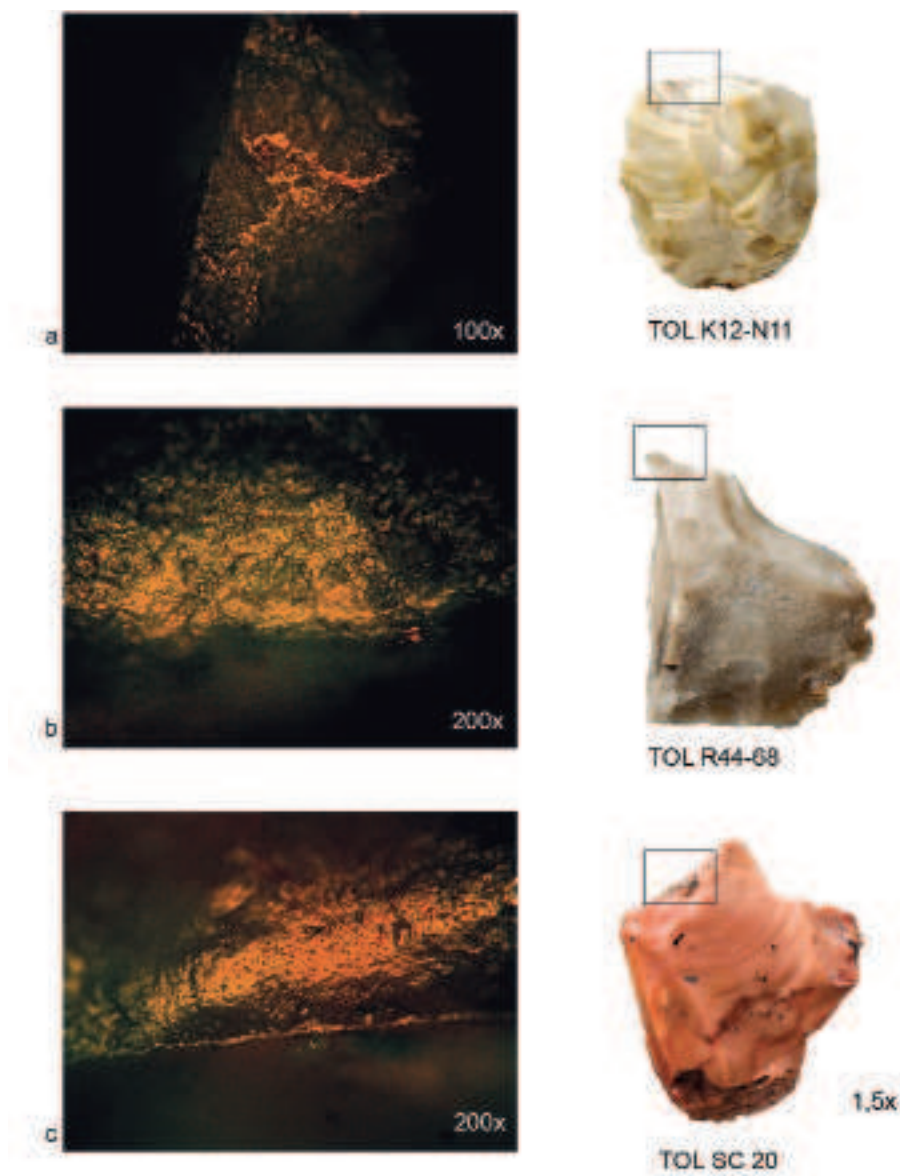


FIG. 5.4 – a: peça esquirolada com vestígios de trabalho de materiais duros; b: extremidade de peça esquirolada utilizada para perfurar matérias macias; c: vestígios de uso resultantes do trabalho transversal de matérias macias de origem animal. Fotos macro de José Paulo Ruas.

O denticulado e a truncatura, ambas em sílex, registam acções transversais sobre materiais macios de origem animal.

Relativamente aos suportes não retocados, uma esquirola apresenta um dos bordos polido pela raspagem de pele seca (Fig. 5.5: a) e três lascas foram utilizadas no trabalho de matérias macias, das quais uma segundo uma cinemática de trabalho longitudinal (Fig. 5.5: b, c). Uma outra documenta o corte de matérias duros (Fig. 5.5: d). O estudo traceológico em esquirolas não é infelizmente habitual. Os vestígios documentados na esquirola em apreço são claramente posteriores à sua debitagem, não podendo esta peça, nem os vestígios de uso nela conservados, corresponder ao reavivamento de um bordo activo de um utensílio.

Relativamente aos vestígios de uso presentes na amostra, apenas é possível inferir sobre o processo técnico da pele, uma vez que é o único material trabalhado cuja natureza exacta foi possível determinar. Os tipos de cinemática de trabalho efectuados (operações de raspagem,

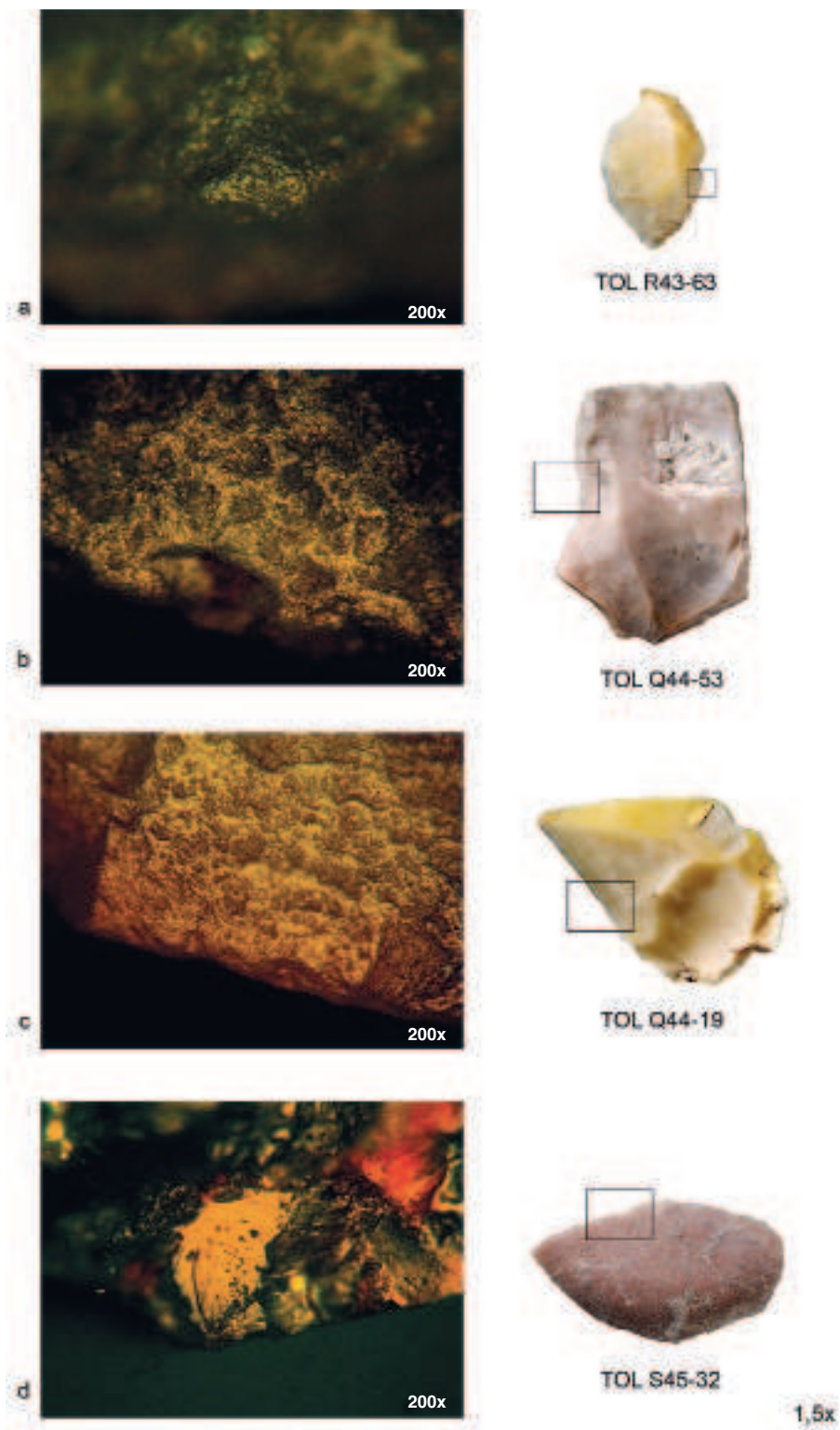


FIG. 5.5 – a: esquírola com vestígios de uso relativos ao contacto transversal com matérias macias de origem animal; b e c: vestígios de uso em lascas não retocadas resultantes do contacto com matérias macias de origem animal, uma em modo longitudinal (c); d: lasca utilizada para o corte de matérias duras. Fotos macro de José Paulo Ruas.

corte e perfuração) e o estado do material trabalhado indicam a prática de etapas finais do trabalho da pele. De uma forma geral, o conjunto de vestígios de uso observados revela uma utilização pouco intensa e muito localizada nos artefactos (necessitando de uma zona activa pouco extensa) que é característica de actividades ligadas a operações finais (acabamento) ou de manutenção dos materiais trabalhados.

### 5.3. Conclusão

---

Os materiais líticos analisados apresentam, regra geral, um bom estado de conservação. As peças com indícios de alteração pós-deposicional foram afectadas por fenómenos de natureza química, sendo visível alguma patina dos bordos e superfícies.

Das 144 peças estudadas foram observados vestígios de uso em 16 peças que documentam o processamento de recursos de origem animal, e em particular o trabalho da pele. Os resultados da análise traceológica são compatíveis com os dados obtidos a partir do estudo arqueozoológico, os quais documentam, sob a forma de marcas de corte e de raspagem, o esquartejamento de carcaças no local (ver Capítulo 6). No caso do processamento da pele, o tipo de vestígios registado documenta a prática de fases finais deste processo, ligadas à preparação e à confecção de bens neste material.

Sobre a questão utensílio *vs.* núcleo levantada pelas peças esquiroladas, raspadeiras espessas e um pequeno conjunto de quatro núcleos cujas características suscitavam algumas dúvidas sobre o seu posicionamento no seio da cadeia operatória de produção lítica (ver Parte 4) o estudo traceológico veio apenas confirmar a utilização, enquanto utensílios, de três peças esquiroladas e de uma raspadeira espessa. No entanto, a fraca densidade de peças utilizadas como tal, considerando ambas as categorias, não permite concluir que as restantes tenham forçosamente funcionado da mesma forma, podendo, inclusivamente, ter acumulado as duas funções, *i.e.* como núcleo e como utensílio (ver Parte 4).

No caso das esquirolas, e considerando as interpretações veiculadas pelo estudo tecnológico, o qual admite a presença de uma produção intencional deste tipo de suportes para serem utilizados no quadro de utensílios compósitos (ver Parte 4), procurou-se testar, através da Traceologia, a eventual sobrevivência de traços de utilização nestes artefactos. Tal como já foi referido, apenas um dos exemplares analisado documenta a sua função enquanto utensílio. No entanto, tendo em conta que este tipo de suporte pode ter sido encabado num utensílio compósito (elemento de faca, por exemplo), e que o processamento de matérias animais macias tende a originar vestígios de uso pouco desenvolvidos, é natural que a maioria das peças não registe traços das actividades desenvolvidas.